

JORNAL: Jornal do Comércio LOCAL: Quamabara

DATA: 10 / 06 / 1956 AUTOR: \_\_\_\_\_

TÍTULO: V Salão Nacional de Arte Moderna

ASSUNTO: Críticas a Ivan e outros.

## NOTAS DE ARTE

### V SALÃO NACIONAL DE ARTE MODERNA

Em continuação aos comentários sobre a exposição geral de arte moderna, deveremos ainda destacar alguns trabalhos que concorrem ao atual certame.

Só por metáfora foram colocados, na seção de pintura, os frisos de Ivan Serpa. Tratando-se de modelos para possível composição de mosaico seria mais apropriado a dignidade de arte decorativa. São trabalhos asseados, de extrema limpeza nas cercaduras: *gouaches* tratados como se fossem ao *pochoir*. Cores de nitidez isolantes. O pintor as denomina *Bi-ritmo em 2/1*, *Faixas em ritmo resultante e Forma bi-ritmada*.

Querendo bem compreender, o autor procura diferenciar. Que relação haverá entre bi-ritmo genérico e forma bi-ritmada específica? Se a forma é um conjunto determinado de um objeto pela aparência exterior da matéria que a compõe, toda representação gráfica expressa uma forma. Aliás, neste tropo de ritmos lineares haveria a considerar, como mais importantes: o ritmo de movimento prolongado, o de movimento divergente, o de movimento contrário, o ondulado, o velutado, e o de retrocesso. Os que se vêm expostos parecem ritmos imóveis. Deve-se bem considerar que os ritmos lineares se formam de uma e outra banda dos pontos de união. Assim, ao que parece, trata-se mais de modelos para aplicação industrial naquelas faixas coloridas. O que, aliás, não impede que sua composição haja levada finura, segurança, e certa agudeza visual na pureza de confraternização das cores que se ajustam em rigoroso "sentido" mais do *metron* do que do *rithmos*.

Augusto Rodrigues parece que evoluciona no sentido de sintetizar, pelas massas. Em *Recife*, como em *Olinda*, apresenta bom jôgo de planos. Também, com justeza de movimentos se apresenta Geraldo Assis nos *Trabalhadores*: mas aqui temos que apreciar o gesto do corpo com multiplicidade do movimento. Em boa perspectiva, de clareza, Manuel Francisco Ferreira comparece com *Porteira*.

Reduzida, apresenta-se a seção de escultura. Nela melhor se destaca o envio de Honório Peçanha — *Santo Antônio sem o menino*: é um sintetismo linear. Relembra as inovações canônicas de George Minne, que, de certo, foi o iniciador dessa tectônica. É uma escultura sublinhada: como na escrita são sublinhadas as palavras significativas, assim aqui os arabescos, que formam limites entre dois volumes, são também sublinhados. Mais evoluído foi, nesse seguimento, Ivan Mostrovic. Mas aqui a vontade de síntese, de geometrização não marca incapacidade, como sucede com alguns escultores simplistas que encontram na ausência plástica a facilidade com que pensam vencer as dificuldades, como sucede até com Lipchitz ou mesmo, em certos casos, com Archipenko, exceto no famoso *Grupo*, onde ele venceu com ênfase. Eis por que, na simplificação da estrutura, conseguia Honório Peçanha dar à figura do Santo movimento votivo de expressão.

Zelia Salgado, que teve veemente preparo da Escola Nacional de Belas Artes, apresenta *Serenidade*: é uma figura com efeito de linearesco inacabado: são linhas continuativas que foram interrompidas num desenho de croquis. Mas o movimento do corpo empresta mobilidade, que, em vez de ser dada, pela superfície, é pelo volume.

Todos sabem que em escultura, mais que nas demais artes visuais, melhor se considera o problema do modelado. E neste capítulo ele não se deve confundir com o *relêvo* que é de natureza científica. Precisamente o que dá expressão, faz a forma sensível, é o *modelado*, a forma interna, uma vez que o contorno deverá ser tomado como *realidade viva* no interior do volume. No giro dos perfis que rondam a forma e nos caminhos da luz que o destacam — aí temos os elementos primordiais de expressividade. A simples modelação é insuficiente. Dá um artifício falaz que não consegue emprestar densidade frequente da ativação fremente da matéria pelo espírito. Só aqueles dados emprestam plenitude à forma e atestam, por fim, sua unidade como conclusão dos signáculos das harmonias.

Fora desse domínio querendo esquematizar a figura, com deformação abusiva, é levar a mais típica das artes plásticas — a escultura, — para o campo do caricato irrisório.